

PEDAGOGIAS ENGAJADAS PARA A AUTONOMIA SOB UMA PERSPECTIVA AFROFEMINISTA.

GRAÇA ELENICE DOS SANTOS BRAGA

Mestra do Programa em Educação, Cultura e Identidades/ UFPE-FUNDAJ, Pesquisadora do GEPERGES Audre Lorde. Recife-PE. Integrante do Núcleo de Estudos e Pesquisas Afro-brasileiro da Universidade Federal Rural de Pernambuco (NEAB-UFRPE). Ativista da Rede de Mulheres Negras – PE. Brasil.-mail: gracaelenicebraga@gmail.com

DENISE BOTELHO

Professora Associada do Departamento de Educação (DED) da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Docente Orientadora do Programa de Pós-Graduação em Educação, Culturas e Identidades (PPGECI-UFRPE/FUNDAJ), Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, Raça, Gênero e Sexualidades “Audre Lorde” (Geperges Audre Lorde). mulhernegra@gmail.com

JANAINA DE LIMA BARROS

Graduada em segunda Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal Rural, Dirigente Escolar da Prefeitura de Camaragibe e Professora da Secretaria de Educação de Pernambuco é Integrante do GEPERGES Audre Lorde - UFRPE. E-mail: proflimabarros@gmail.com

MARIA JOSÉ DOS SANTOS

Doutoranda em Educação Contemporânea do Programa de Pós-graduação em Educação - PPGEduc – UFPE. Integrante do Núcleo de Estudos e Pesquisas Afro-brasileiro da Universidade Federal Rural de Pernambuco (NEAB-UFRPE). Ativista da Rede de Mulheres Negras – PE. Integrante do GEPERGES Audre Lorde - UFRPE. E-mail: yiamaze@gmail.com

RESUMO

O texto ora apresentado é fruto de estudos e reflexões sobre possíveis aproximações entre o pensamento de Paulo Freire, Bell Hooks e Lélia González, na perspectiva de ressignificar os processos educacionais propondo pedagogias engajadas, onde o ato de aprender ocorre para e em coletividades considerando aspectos teórico-metodológicos. As referidas autoras e o autor trazem elementos pertinentes à formação docente, valorização da dignidade humana e nas lutas antirracistas e antissexistas. Este artigo baseia-se em estudos realizados, no Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, Raça, Gênero e Sexualidades Audre Lorde (GEPERGES Audre Lorde). A pretensão é que possamos motivar o despertar de pedagogias outras, onde as relações éticos/raciais, ancestralidade, gênero e culturas, estejam nas bases dos processos educativos.

Palavras-chave: Educação Popular, Autonomia, Pedagogias Afrofeministas

INTRODUÇÃO

Em uma conjuntura de incertezas e disputas, que diferentes paradigmas influenciam a maneira de pensar e agir de toda a sociedade. E no âmbito da educação, imprimem reflexos do ensino básico ao ensino superior. É nesse contexto atual, que somos convidadas pelo pensamento freireano da pedagogia do oprimido à tarefa educativa, que acontece nos processos de luta pela igualdade e dignidade humana.

Neste contexto desafiador surge o referido estudo, fruto das reflexões realizadas no grupo de pesquisa em Educação, Raça, Gênero e Sexualidades Audre Lorde (GEPERGES Audre Lorde), que tem como eixo analisar as possíveis contribuições e aproximações no pensamento de Paulo Freire, Bell Hooks e Lélia González em suas críticas anticolonial, antipatriarcal e antirracistas problematizando as questões do racismo, machismo, das diferenças e oferecendo outras pedagogias na perspectiva libertadora.

Os estudos ressaltam que o aprendizado em suas formas de resistências oferece estratégias para outras pedagogias como a Pedagogia da Autonomia, Freire (1996); Pedagogia Engajada, Bell Hooks (2017); e sugerimos a Pedagogia Afro Feminista, Gonzalez (2020).

A partir da realidade e das experiências em curso indagamos: Qual o lugar da educação popular no contexto atual? Como as práticas pedagógicas incidem em relações humanitárias antirracistas e antissexistas? As questões levam a objetivar desde a leitura do contexto atual, assim como, dos estudos bibliográficos das autoras mencionadas e autor na concepção, práticas e estratégias possíveis que respeitem a diversidade numa educação democrática antirracista e antissexista, na perspectiva afrofeminista.

Nesse cenário assumimos a postura educacional de inquietação, segundo Freire, “curiosidade epistemológica” (1996, p.32). A título de organização, o artigo foi dividido em três seções, além da presente introdução. Na primeira encontra-se o contexto como processo situacional a ser pensando como tarefa educativa diante das ambiguidades de tensões e possibilidades para a educação como prática da liberdade. A segunda, trata-se de uma análise da aproximação do pensamento de Paulo Freire, Bell Hooks e Lélia González. Na terceira, os aspectos de contribuição como trilhas pedagógicas e, por fim, destacamos algumas reflexões elaboradas na construção deste documento.

O lugar da Educação Popular no contexto atual

A gravidade com a qual o racismo, o patriarcado e o capitalismo globalizante têm impactado a população mundial sugere pensar a partir daquelas e daqueles que mais têm sofrido com a dominação. No entanto, convoca toda sociedade multifacetada e pluriétnica à tarefa educativa engajada. Freire (1996, p.61) “no processo históricos dessas sociedades fatos novos sucedem e provocam as primeiras tentativas de uma volta sobre si mesmas”.

Nesse sentido, a conjuntura convida toda sociedade a refletir sobre si e sobre o novo contexto de mudanças estruturais em vários aspectos: economia, política, cultura e educação que interligados revelam complexidades de tendências e ao mesmo tempo apontam desafios, transformações e paradoxalmente novas e possibilidades.

De um lado a crise das ciências em geral, crise do modelo civilizatório, neonazismo, fundamentalismo religioso, feminicídio e racismo estrutural. De outro, cientistas, intelectuais envolvidos nos grupos feministas, movimento negro e outros organismos em redes vão criticar as teorias e prática capitalista que acentua o aumento da desigualdade e o desrespeito ao ser humano. Além de denunciar as diversas formas de opressão, formulam alternativas epistemológicas no campo da cultura e das práticas pedagógicas.

Ao aproximar do termo práticas pedagógicas corroboramos com o seu sentido mais crítico na perspectiva de novas representações dos conhecimentos e das práticas culturais, cuja consideração advém das contribuições da teoria cultural, sobretudo referenciais dos pós-coloniais. Bell Hooks (2017;2003); Santomé (2011); Gomes (2012; 2007); Silva (2011; 2005).

As práticas pedagógicas devem considerar espaço e tempos educativos de negociações, resistências e criações relacionadas por contextos sociais, políticos, religiosos e culturais, nos quais as pessoas estão inseridas. O aprendizado dos direitos na tomada de consciência crítica são oferecidos por outras pedagogias, entre elas a pedagogia da diversidade conforme Gomes (2007).

À luz dessas assertivas, somos provocadas a partir da realidade e das experiências em curso a indagar: Numa sociedade global, como a educação tem dado lugar à diversidade, às práticas antirracistas e antissexistas?

“Cumé que agente fica?”¹ Nesse cenário, as questões acima se entrelaçam aos acontecimentos e aos conceitos a exemplo de “pedagogia problematizadora”, “Pedagogia engajada” e “Pedagogia Afro feminista”. Contudo, observa-se que estes conceitos necessitam de contextos problematizadores para emergirem e serem preenchidos de sentidos.

A pedagogia nesse contexto, em sentido amplo, considera não apenas a importância do conhecimento, mas toda ação humana no tempo e espaço sociais, ou seja, a pedagogia é vista como uma forma cultural com envolvimento direto com os sujeitos sociais e suas identidades distintas, como afirma Silva (2005, p.140). Do ponto de vista pedagógico e cultural, não se trata simplesmente de informação ou entretenimento, trata-se, em ambos os casos, de formas de conhecimento que influenciarão o comportamento das pessoas de maneira relevante.

Assim, a educação, como toda prática educativa deve ser entendida como possibilidades diversas de transformação, para além da criticidade, possibilitando a leitura de contexto que transcendam sua vida pessoal colaborando para sua inserção em processos coletivos que favoreçam intervenções no mundo. De acordo com Freire (1966, p.52) “Saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”.

A crítica que fazemos é à pedagogia tradicional, restrita à informação, que não tem ligação mais ampla com o conhecimento; bem como a relação a realidade à necessidade de lutas antirracistas, resultando numa “educação bancária”. Conforme Gonzalez (2020, p. 50), a história oficial, assim como o discurso pedagógico internalizado por nossas crianças, fala do brasileiro como um ser “cordial” e afirma que a história do nosso povo é um modelo de soluções pacíficas para todas as tensões ou conflitos que nela tenham surgido.

A concepção educativa questiona não apenas o contexto, mas analisa e reflete as relações de poder no engajamento que se articula para as transformações. Conforme (Hooks, 2003, p. 201), uma vez que o nosso lugar no mundo está sempre mudando, precisamos estar engajados no presente, ou ficamos presos ao passado e a nossa capacidade de aprender será diminuída.

Nesse ponto Bell Hooks aproxima-se do pensamento de Paulo Freire, ao afirmar que nenhuma educação é politicamente neutra. Assim,

1 Questão provocada por Lélia Gonzalez (2020) no artigo Racismo e Sexismo na cultura brasileira.

todo ato educativo é um ato político mediante ao seu processo dinâmico no qual reflete as pessoas inseridas no mundo. Diante dos desafios desse contexto de mudanças dá-se o fato de que a educação popular compreende sua relação com os movimentos sociais como práticas de libertação, nesse sentido,

Afirmar que aponta para a construção de um novo paradigma educacional, que confronta o modelo de educação autoritário, reprodutor, predominante escolarizado e que dissocia a teoria da prática. Esse modelo se sustenta, principalmente, em uma filosofia da práxis educativa entendida como processo político-pedagógico centrado no ser humano como sujeito histórico criador e transformador com outros seres humanos e com o mundo (JARA, 2020, p. 25)

As contribuições epistemológicas têm implicado no debate para toda sociedade e não se restringem à simples repetição das políticas educacionais. Elas nos fazem refletir acerca da necessidade das mudanças estruturais existentes dadas às hierarquias de raça, gênero, classe e religião.

A educação popular sempre se mostrou transgressora por romper hierarquias raciais, sexuais e de classe atrelada a ideais libertárias. Rejeitando todas as formas de opressão e ao mesmo tempo suscitando o entusiasmo, o prazer e amorosidade. Segundo Freire (1996, p. 59) a posição radical, porém de essência amorosa, não pode ser autoflageladora. Não pode acomodar-se passivamente diante do poder exacerbado de alguns que levam à desumanização de todas/os, principalmente dos poderosos.

Essa construção identitária fundamentada na liberdade democrática além de ser uma das características da educação popular em suas construções históricas acompanham os movimentos da sociedade. Desse modo, o surgimento das práticas sociais educativas está fortemente associado aos movimentos sociais e coletivos que em sua diversidade têm reivindicando ao longo dos anos terras, moradias, escolas públicas, direito das mulheres e etc.

Nesse sentido, os princípios democráticos valorizam os diferentes saberes. Por isso, não se restringem a um grupo, ou, aos espaços de imposições dos vários saberes. Eis o lugar da educação popular no contexto atual, o lugar educativo por considerar distintos saberes. Pois vivemos e aprendemos na busca de responder às demandas sociais de acordo com

o contexto. Uma vez que só transforma a realidade quem a conhece. Assim, a experiência é ponto de partida para a formação e a construção coletiva de conhecimentos em uma relação horizontal entre educadoras/educadores e educandas/educandos.

Pedagogias: Autonomia, Engajada e Afro feministas legado epistemológico

As contribuições das obras e práticas de Paulo Freire, Bell Hooks e Lélia Gonzalez em contraponto com as posições ideológicas neofacistas, racistas e machistas entre outras formas de opressão presente em nosso País, apontam para o fato de que vivemos uma conjuntura de incertezas e disputas, que diferentes paradigmas influenciam a maneira de pensar e agir de toda a sociedade.

Eis que reconhecemos a importância das contribuições Paulo Freire, educador, pernambucano, nordestino destaque na década de 60 no campo educacional por questionar as relações de poder, as formas de conhecimento fragmentadas e a hierarquização dos sujeitos de classes populares subjugados como objeto.

Atualmente, celebrando o seu centenário, o patrono da educação, mais uma vez tornou-se alvo dos neoconservadores, que se mostram não menos imbuídos de interditar suas práticas e sua denuncia á injustiça social. Neste contexto conceber a regída separação entre sujeito e objeto é questionada também nas obras de Gonzalez e Bell Hooks². Assim, pedimos Ágó e Mo túnbá³ a nossas ancestrais, mulheres feministas negras na pessoa de Lélia González, historiadora, antropóloga, mineira e ativista do movimento negro e de mulheres negras, que denunciou o racismo estrutural nas diferentes formas de opressão e formulou conceitos, dentre eles o termo “Amefricanas”, resultando na articulação dos saberes em ações coletivas dos diferentes movimentos de mulheres no advento da luta contra o racismo, patriarcalismo, e anti-imperialista.

2 Seguindo as Normas da ABNT NBR BRASILEIRA ICS ISBN 978-85-07- Número de referência registro do sobrenome do autor exige em maiúsculos. Contudo, bell hooks afirma ser um ato político a escolha do nome grafado em letras minusculas, pois para ela suas mensagens e suas obras devem ser mais importantes do que seu nome.

3 Conforme CAPUTO (2015) são termos em yorubá ÀGÒ significa licença e Mo tunbá agradecer.

A Bell Hooks, professora, escritora norte americana em seus estudos direciona a discussão sobre raça, gênero e classe e às várias formas de relações sociais opressivas. Suas obras foram duramente criticadas pela academia tradicional, inclusive por feministas clássicas, sendo negadas e consideradas não “acadêmicas o suficiente”. Visto que, Hooks transgredia os padrões tradicionais da academia no sentido da teoria corresponder à realidade e mudança social, uma vez que suas obras comungam das ideias de Paulo Freire.

Possivelmente o desconhecimento por parte de uma camada da sociedade pode levar a distorcer as obras dos referidos autor e autoras nos processos educativos comprometidos radicalmente com a democratização, ou seja, pensamentos que enfatizam a humanização, através dos processos de luta contra todas as formas de opressão e pela dignidade humana.

Deste modo, as alternativas epistemológicas advindas das experiências não se restringem à concepção teórica, elas se consolidam através da construção de processos que dialogam com a realidade baseado na reflexão-ação de Paulo Freire. Observamos, que as teorizações críticas são baseadas nas experiências dos sujeitos políticos. A medida em que estes sentem necessidade de lutar por justiça social, constroem espaços formativos e de intervenções sociais. Ressaltamos os movimentos sociais como o movimento negro e, destacando, o feminismo negro que constituem diversas práticas educativas.

Por isso a educação popular é cada vez mais uma pedagogia indígena, uma pedagogia feminista, uma pedagogia negra, uma pedagogia dos sem-terra e sem-teto. Mas ela é também uma pedagogia em movimento na medida em que dificilmente ela se deixa enquadrar em esquemas teóricos clássicos. (STRECK 2013, p.363)

As contribuições epistemológicas têm implicado no debate acadêmico, causando uma série de indagações sobre os paradigmas vigentes e as práticas pedagógicas, resultando em pensar novas pedagogias.

A sala de aula feminista era único espaço onde os alunos podiam levantar questões críticas dos processos pedagógicos. Essas críticas nem sempre eram estimuladas ou bem recebidas, mas eram permitidas. Essa mínima aceitação do questionamento crítico era um desafio crucial que nos convidava, como os alunos, a pensar seriamente sobre a pedagogia em sua relação com a prática da liberdade. (HOOKS, 2017, p.16).

Bell Hooks defende a educação humanista, antirracista, antissexista e anti-homofóbica como vozes da educação feminista, capazes de recusar as práticas de opressão e, ao mesmo tempo, vem suscitar reflexões sobre outras pedagogias e combater os métodos pedagógicos arcaicos, aproximando-se de Paulo Freire.

Me apoiei no exemplo das inspiradas mulheres negras que davam aulas na minha escola de ensino fundamental, na obra de Paulo Freire e no pensamento feminista sobre pedagogia radical. Eu tinha um desejo apaixonado de lecionar de um modo diferente daquele que eu conhecia desde o ensino médio. (HOOKS, 2013, p.16).

Para a autora, ensinar é transgredir opressões estruturantes para o alcance da liberdade e à saciedade da curiosidade. É favorecer as/os estudantes enquanto sujeito de transformação. Essa prática não condiz com educação bancária receptora de informações, com práticas discriminatórias silenciando estudantes. Segundo Gonzalez (2020, p. 43) “Na medida em que o racismo, enquanto discurso se situa entre os discursos de exclusão, o grupo por ele excluído é tratado como objeto e não como sujeito. Conseqüentemente, é infantilizado, não tem direito a voz própria, é falado por ele”.

Esse processo de exclusão do sujeito ocorre nas diferentes formas em que o racismo estrutural opera. Alicerçado na dominação colonial, que nega o legado científico e histórico dos povos indígenas e afro-brasileiros e, conseqüentemente, adentrando nas universidades nos moldes de um espaço institucional racista, sexista que tem como base o modelo colonizador.

Neste contexto as contribuições de Freire no campo da pedagogia foi construir diálogo com a comunidade universitária junto com as organizações sociais, bem como repensar a pedagogia como processo educativo inserido no contexto como ato político. Contudo, as reivindicações raciais e de gênero não foram temas aprofundados por Freire. Afirma Hooks

O sexismo de Freire é indicado pela linguagem de suas primeiras obras, apesar de tantas coisas continuarem libertadoras. Não é preciso pedir desculpas pelo sexismo. O próprio modelo de pedagogia crítica de freire acolhe o questionamento crítico dessa falha na obra. (HOOKS, 2017, p. 70)

A crítica propositiva da autora se refere ao seu encontro na obra de Freire enquanto feminista na teoria pós-colonial. Em suas manifestações literárias enfatiza as experiências dos grupos colonizados marginalizados que vão enunciar as relações de poder e resistências. É possível reconhecer que, o processo de luta por dignidade humana nas formas de rejeição à opressão aparece posteriormente, em algumas obras de Freire como *Pedagogia da Autonomia*. Freire (1996, p.36) “Faz parte igualmente de pensar certa a rejeição mais decidida a qualquer forma de discriminação. A prática preconceituosa de raça, de classe, de gênero ofende a substancialidade do ser humano e nega radicalmente a democracia”.

A exigência de compreender e exercitar uma postura libertadora para todos os profissionais da educação, pesquisadoras e pesquisadores, é urgente acerca do racismo, machismo e demais formas de exploração. A professora Gonzalez oferece elementos da construção do mito da democracia racial e os mecanismos que o discurso oficial ocultou e oculta da participação da população negra, especificando das mulheres negras.

Em termos de escritos brasileiros sobre o tema, percebe-se que a mulher negra, as famílias negras- que constituem a grande maioria dessas camadas-não são caracterizadas como tais. As categorias utilizadas são exatamente aquelas que neutralizam a questão da discriminação racial, do confinamento a que comunidade negra está reduzida. Por aí se vê o quanto as representações sociais manipuladas pelo racismo cultural. (GONZALEZ, p. 43)

A autora preocupada em avançar nos debates, não apenas com a comunidade acadêmica, mas, sobretudo a comunidade negra, traz a discussão, numa linguagem transgressora e provocativa, sobre o lugar da mulher negra na sociedade. Em suas experiências reflete as situações do cotidiano brasileiro reprodutores de desigualdades raciais e sociais. Assim proporciona compreender o racismo e sexismo de forma articulada, que até então eram pensadas por especialistas, de forma compartimentada.

É nesse cenário analítico que, aprofundando a pedagogia problematizadora de Paulo Freire tomando como referência a consciência de classe, nos debruçamos no pensamento feminista de Hooks e Gonzalez para ampliar outros marcadores na ferramenta teórica metodológica da interseccionalidade, entrelaçando questões de gênero, raça, classe, território sem hierarquizar-las analiticamente.

Nessa direção, as mudanças no campo do conhecimento implicam na concepção ontológica e crítica epistêmica.

A natureza que a ontologia cuida se gesta socialmente na História. É uma natureza em processo de estar sendo com algumas conotações fundamentais sem as quais não teria sido possível reconhecer a própria presença humana no mundo como algo original e singular. (FREIRE, 1996, p. 20)

É interessante perceber que tanto Freire (1996) quanto Hooks (2017) e Gonzalez (2020) se desvinculam de um projeto epistêmico ocidental como única referência de conhecimento. Como sugere Hooks (2017, p. 93) “precisávamos de novas teorias arraigadas na tentativa de compreender tanto a natureza da nossa situação atual quanto os meios pelos quais podemos nos engajar coletivamente numa resistência capaz de transformar nossa realidade”.

Nesse novo contexto a produção de conhecimentos expõe diversidade epistemológica fruto das indagações dos diferentes movimentos sociais sobre o modelo de ensino colonizador, assim como as ciências em geral. Gonzalez (2020, p.77) “O fato é que, enquanto mulheres negras, sentimos a necessidade de aprofundar nossa reflexão, em vez de continuarmos na reprodução e repetição dos modelos que nos eram oferecidos pelo esforço de investigação das ciências sociais”.

Portanto, o processo de conhecimento atinge o campo da educação em sua condição ontológica e (re) afirmar outras formas de ser, de existir e de produzir em um sistema mundo, isto é, possibilitar outros discursos e narrativas sobre a população negra, destacando as mulheres negras como agentes de conhecimentos que vão pautar novas orientações e “reviravoltas epistemológicas”.

Contribuições: Trilhas pedagógicas no Geperges

PASSEI A ACREDITAR, com uma convicção cada vez maior, que o que me é mais importante deve ser dito, verbalizado e compartilhado, mesmo que eu corra o risco de ser magoada ou incompreendida. A fala me recompensa, para além de quaisquer outras consequências. (LORDE, 2020, p.51)

Em um dos trechos do livro *Irmã Outsider*, Audre Lorde enfatiza a importância da fala e de romper silêncios ao verbalizar sentimentos e ao mesmo tempo sugere ações e consequências, das quais poderemos ser tanto vulneráveis quanto potentes. Saudamos esta poeta, mãe, guerreira, negra lésbica feminista, intelectual e patronesse do grupo de pesquisa

em Educação, Raça, Gênero e Sexualidades Audre Lorde (GEPERGES Audre Lorde) ao nos reportar a nossas experiências educativas nos seus feitos e consequências, ajudando a transformar o silêncio em linguagem e em ações.

Nossa pretensão é de esboçar as potencialidades construídas no grupo de pesquisa diante da conjuntura complexa em que vivemos. Como exemplo, de um lado violação dos direitos, barbárie; e do outro lado as reinvenções, ou seja, ações coletivas nas práticas educativas. Desse modo, designamos como trilhas pedagógicas, numa perspectiva de valorizar teorias que partem da experiência coletiva.

Neste contexto, a entrada no grupo passa por acolhida e somos convidadas/os a refletir e alinhar os conteúdos, as referências teóricas e nossas pesquisas na pertinência do saber se situar neste contexto socialmente. Segundo Botelho; Nascimento (2011, p.80). “A educação é uma impregnação permanente; o indivíduo é educado a todo o momento por todas e todos do grupo, servindo vida cotidiana como pretexto para se educar. A vida e o aprendizado são indissociáveis”.

Denise Botelho defende que a educação relaciona e recupera todos os aspectos da vida. A coordenadora do grupo de pesquisa tem provocado as/os discentes, pesquisadoras/res a refletirem sobre os desafios da educação e da pesquisa em suas problemáticas e não pode ignorar as diversas formas de saberes corporificadas. Isto exige novas orientações e desconstruções de concepções. A mesma nos convida a iniciarmos os estudos, nos acolhendo em sentimentos e na história. Em uma pedagogia, que transita entre os conhecimentos e no prazer numa intralateralidade. Esses estudos nessa época de barbárie e ataques neoconservadores, ao repensarmos práticas pedagógicas, incidem em relações humanitárias antirracistas e antissexistas.

Desse modo, as obras de Freire, Hooks, Gonzalez e outras/os autores, na perspectiva emancipadora abrem possibilidades de narrativas de resistências dentre os povos africanos e afro-brasileiros. A partir de Freire (1996), e Hooks (2017) com a pedagogia da autonomia e engajada, que questione não apenas as identidades, mas as relações de poder e no engajamento promovem as mudanças na vida pessoal e coletiva.

Ao discorrer algumas trilhas pedagógicas não oferecemos como receituário ou modelo, mas como referências para novas situações, reconhecendo a singularidade.

Embora eu proponha estratégias, estas obras não oferecem modelos para transformar a sala de aula num lugar de entusiasmo pelo aprendizado. Se eu fizesse isso iria contra a insistência com que a pedagogia engajada afirma que cada sala de aula é diferente, que as estratégias tem de ser constantemente modificadas, inventadas e reconceitualizadas para dar conta de cada nova experiência de ensino. (HOOKS, 2017, p.21)

Dentre as várias situações desenvolvidas no GEPERGES, destacamos algumas construções mais marcantes dos processos educativos. Sugerimos, assim, três lições surgidas da crítica anticolonial, antirracista e antissexista. Esses questionamentos implicam nos posicionarmos frente ao mundo numa perspectiva transformadora.

A primeira lição: a superação da dicotomia entre sujeito e objeto

- Os processos educativos favorecem a reflexão sobre o pensamento pedagógico capaz de mudar imaginários, valores e condutas. No entanto, faz-se necessário aprofundamento nos estudos. Como afirma Gonzalez (2020, p. 31) “Apesar da seriedade dos teóricos brasileiros, percebe-se que muitos deles não conseguem escapar às astúcias da razão ocidental”.

Isso remete o cuidado ético e teórico-metodológico na relação educativa e no processo de pesquisa. As pessoas a serem pesquisadas não são papéis ou dados, muito menos devem ser essencializadas como categoria universal. Conforme (Freire, 2005, p. 152) “O humanista científico revolucionário não pode, em nome da revolução, ter nos oprimidos objetos passivos de sua análise, da qual decorram prescrições que eles devam seguir”.

Assim, problematizamos a relação sujeito e objeto na medida em que as pessoas pensam nos problemas; engajados em coletivos e grupos reivindicam suas demandas, reafirmam o seu papel e suas formas de intervenção; conferem mais argumentos, a importância de ser gente, sujeito de direito e não mero objeto.

percebi que os professores (qualquer que seja sua tendência política) dão graves sinais de perturbação quando os alunos querem ser vistos como seres humanos integrais, com vidas e experiências complexas, e não como meros buscadores de pedacinhos compartimentalizados de conhecimento. (HOOKS, 2017, p.27)

Essa postura sugere estratégias pedagógicas, trocas de saberes e afetos entre educandas/educandos e educadoras/educadores inseridas e inseridos, enquanto sujeitos transformadores, que têm a capacidade

de atuar e entender o funcionamento e organização da sociedade em constantes inquietações diante do contexto em que vivem. Freire (1966, p.154) “O sujeito que se abre ao mundo e aos inaugura com seu gesto a relação dialógica em que se confirma como inquietação e curiosidade, como inconclusão em permanente movimento da História”.

A segunda lição: o princípio do diálogo nos processos formativos

- Incorporar o diálogo na postura docente e discente no processo educativo tem suscitado canais de autoexpressão, escuta e fala. Essa prática constitui um espaço-tempo de vivências para que todas/os integrantes do grupo sejam consideradas/considerados em suas expressões, compreensões e conhecimentos. De acordo com Freire (2005, p.92) “Sendo fundamento do diálogo, amor é, também, diálogo. Daí que seja essencialmente tarefa de sujeitos e que não possa verificar-se na relação de dominação.

Essa abertura tem sido efetivada através do diálogo crítico e no estímulo ao papel enquanto pessoas. Para o diálogo e a escolha coletivamente quanto aos conteúdos a partir de referenciais teóricos, nos debruçaríamos a estudar apresentando posteriormente nos webseminários, utilizando diversas linguagens da arte como a literatura e o áudio-visual, por exemplo, dentre outros mecanismos técnicos-metodológicos a serem articulados no que tange às metodologias educacionais. Conforme Hooks (2017, p.201) “No que se refere à práticas pedagógicas, temos de intervir para alterar a estrutura pedagógica existente e ensinar os alunos *a escutar, a ouvir uns aos outros*”.

A ênfase na pedagogia afrofeminista basea-se em transgredir normas conservadoras machistas, racistas e sexistas e, em valorizar as narrativas em particular das mulheres negras, lésbicas, gays e estudantes que sofrem opressões e ao mesmo tempo as potencialidades. Para isso, o encontro educativo em reconhecer o Outro e o respeito mútuo.

A terceira lição, o reconhecimento à diferença suas singularidades e plural- O espaço educativo é o lugar de acolhida e recepção mais radical tanto para a pedagogia da autonomia, quanto para a pedagogia engajada e afrofeminista, uma vez que, teoricamente, tem por preceito, valorizar e reconhecer todas as pessoas em suas múltiplas identidades. Desse modo, o ato de ensinar remete aprender sempre. Como também ao fato de que respeitar e reconhecer as diferenças leva a construir práticas e iniciativas de superação do combate às formas de exploração e discriminação.

A pedagogia crítica e a pedagogia feminista são dois paradgmas de ensino alternativos que realmente deram ênfase a questão de encontrar a própria voz. Esse enfoque se revelou fundamental exatamente por ser tão evidente que os privilégios de raça, sexo, e classe dão mais poder a alguns alunos que a outros, concedendo mais “autoridade” algumas vezes que a outras. (Hooks,2017,p.246)

Diante dessas assertivas as pedagogias democráticas remetem às práticas que darão visibilidade às intersecções de classe, raça, gênero, geração e, ainda, para que outros recortes possam emergir da luta dos movimentos sociais, para que se possa garantir e assegurar direitos.

Aceitar e respeitar a diferença é uma dessas virtudes sem o que a escuta não se pode dar. Se discrimino o menino ou menina pobre, a menina ou menino negro, o menino índio, a menina rica; se discrimino a mulher, a camponesa, a operária, não posso evidentemente escutá-lo e se não as escuto, não posso falar com eles, mas eles, de cima para baixo, sobretudo, me privo entendê-los. Se me sinto superior ao diferente, não importa quem seja, recuso-me escutá-lo ou escutá-la. O diferente não é o outro a merecer respeito é um isto ou aquilo, destrutável ou desprezível. (FREIRE, 1996, p. 136).

No decorrer das lições, ressaltar que as bases teóricas da interseccionalidade que Bell Hooks e Lélia Gonzalez vão criticar nos estudos tradicionais, racistas e androcentricos. De acordo com Gonzalez (2020,p.84) “ É por aí que a gente compreende a resistência de certas análises que, ao insistirem na prioridade de luta de classes, se negam a incorporar as categorias de raça e sexo”. Lélia Gonzalez critica além do marxismo, o feminismo clássico e sugere a importância da interrelação entre o racismo, sexismo e classismo e enfatiza os problemas de opressão entre as mulheres da região da América Latina.

Como é possível observar a preocupação das autoras em entrecruzar as diferentes formas de desigualdades que foram pautas de várias feministas negras a exemplo, Bell Hooks, Lélia González, Patrícia Collins, Audre Lorde. Contudo, o conceito de interseccionalidade foi designado por Kimberlé Crenshaw.

Considerações

No decorrer dos estudos observamos que as práticas discriminatórias se opõem aos direitos humanos e têm como objetivo restringir o

privilégio a grupos ultraconservadores. Entendemos que faz-se importante reconhecer e assegurar direitos a todas/os, enquanto seres sociais. Porém, também se faz necessário compreender a realidade nas dimensões das desigualdades para perceber os processos de transformações em curso. Identificando a barbárie como elemento impulsionador para as reivindicações de práticas educativas.

É possível perceber nas contribuições das autoras Bell Hooks, Lélia Gonzalez e Paulo Freire em tempos e espaços distintos o quanto impulsionaram uma reviravolta epistemológica ao questionarem a aparente neutralidade da ciência moderna e o projeto de sociedade elitista e universalista em sua concepção da segregação entre sujeito e objeto. E colocando a população negra e os povos indígenas como objeto, excluindo-os de cidadania.

Destacamos que as críticas ao eurocentrismo, ao neocolonialismo e às práticas racista e sexista resultaram em dois movimentos. O primeiro na denúncia às formas de exploração e o segundo na formulação de conceitos nas práticas educativas e o reconhecimento dos sujeitos em suas singularidades e pluralidades bem como a mecanismos de resistências.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **O que é interseccionalidade?** Belo Horizonte-MG: Letramento: Justificando, 2018.

BOTELHO, Denise. Educação e Candomblé: Contribuições para a Discussão de Raça e Gênero. **18ª REDOR perspectivas feministas de Gênero**: desafios no campo da militância das práticas. Disponível em: <www.ufpb.br/evento/liti/ocs/index.php/18redor/18redor/paper/.../858. Acesso no dia 8 de junho de 2015.

_____; NASCIMENTO, W. F. DO. Educação e religiosidades afro-brasileiras: a experiência dos candomblés. Participação, n. 17, 21 dez. 2011.

CAPUTO,STELA GUEDES. Aprendendo yorubá nas redes educativas dos terreiros: história, culturas africanas e enfrentamento da intolerância nas escolas. Revista Brasileira de Educação v. 20 n. 62 jul.-set. 2015.Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/C6ZT46YkW56G7vwP3HzGF4n/?lang=pt&format=pdf>. Acesso no dia 09 Set. 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 35 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1966.

_____. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

_____. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GOMES, Nilma Lino. Diversidade étnico-racial e Educação no contexto brasileiro: algumas reflexões In: GOMES, Nilma Lino. **Um olhar além das fronteiras**: educação e relações raciais. Belo Horizonte: Autentica, 2007.

GONZALEZ, Lélia. Mulher Negra. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin. (org). **Guerreiras de natureza**: Mulher negra, religiosidade e ambiente. São Paulo: Selo Negro, 2008.

_____. Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos. (org.) RIOS, Flávia; LIMA, Márcia. 1ª ed.. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir**: A educação como prática da liberdade. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

_____. Educação democrática. In: **Educação contra a barbárie: por escolas democráticas e pela liberdade de ensinar**. Fernando Cássio (org.). 1.ed. São Paulo: Boitempo, 2019.

_____. **O feminismo é para todo mundo**; políticas arrebatadoras; tradução bhuvli Libanio. 14ª ed. Rio de Janeiro; Rosa dos Temos, 2003.

JARA, O. **A educação popular latino-americana**: História e fundamentos éticos, Políticos e pedagógicos. São Paulo: Ação Educativa/CEAAL/ENFOC, 2020. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/343700344_A_EDUCACAO_POPULAR_LATINO-MERICANA_E_SUAS_CONTRIBUICOES_PARA_A_MUDANCA_SOCIAL

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de Identidade: uma Introdução às Teorias de Currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.